



Italianos: “Fai apparire l’italiano che tu sei”

Maria Catarina C. Zanini

Professora do Departamento de Sociologia e Política da UFSM. Orientadora no projeto “Ítalo-brasileiros: a reivindicação da identidade étnica em Santa Maria RS”

Angélica de Medeiros Rios

Acadêmica do Curso de História da UFSM e bolsista de Iniciação Científica do CNPq

Bruna Spezia Mello

Acadêmica do Curso de Psicologia da UFSM e foi bolsista de pesquisa do Programa FIPE/UFSM

resumo

Este artigo propõe-se analisar o sentimento de italianidade vivenciado por descendentes de imigrantes italianos na Região de Santa Maria-RS e que findaram por criar um movimento em prol da valorização da italianidade. A metodologia utilizada foi a da pesquisa qualitativa, orientada por um roteiro básico. O trabalho de campo foi todo pautado pela observação participante e pela busca da compreensão do universo destes descendentes. Os resultados obtidos através da pesquisa nos mostraram que estes descendentes construíram uma identidade baseada em alguns elementos essenciais, tais como: trabalho, sangue, fé, família e gastronomia. Estes elementos permitem a estes descendentes visualizarem-se como distintos dos demais brasileiros e gaúchos, uma vez que estas seriam características e valores tipicamente italianos.

Palavra - chave

italianidade, italianos, identificação étnica

abstract

This article aims to analyze the italianity feeling experienced by italian immigrants descendant in Santa Maria-RS. This descendants created a movement trying to validate this italianity. The methodology adopted was the qualitative research, oriented by a basic script. The research was conducted by participant observation trying to understand the universe of this group. The results shows that this descendants constructed a identity based in some essentials elements, like: work, blood, faith, family and gastronomy. This elements permits to visualize themselves like different from the others brazilians and gauchos, once that this elements would be genuine italians.

key word

italianity, italians, ethnic identity

Este artigo propõe-se analisar o sentimento de italianidade vivenciado por descendentes de imigrantes italianos em Santa Maria. Os informantes foram, em sua maioria, fomentadores do que denomino de um movimento em prol do ressurgimento de uma valorização do “ser italiano”. São descendentes, em terceira ou quarta geração, católicos, profissionais liberais, professores, comerciantes e empresários que, de um modo geral, tem trabalhado intelectual, administrativamente e de formas diversas pela revalorização da cultura de seus antepassados. Esta construção de uma memória comum traz consigo a construção de uma identidade de ítalo-brasileiros que os definiria como potencialmente distintos dos demais brasileiros.

Sangue, suor e fé

Numa época em que o planeta se globaliza, observa-se, igualmente, o ressurgimento e reafirmação cada vez maior

Dizer-se italiano ou brasileiro é algo circunstancial, dependendo de qual ótica se enfoca, se a cidadania territorial ou a questão do sangue, denominado de essencialmente italiano. A categoria sangue ocupa um lugar especial no universo dos entrevistados, todos brasileiros de nascimento e italianos de “coração e sangue”.

de identidades específicas, como as étnicas, por exemplo. A identidade étnica é aquela que tem existência no interior de um campo político que tende a suprimir as diversidades, como o Estado nacional, por exemplo. De acordo com BATALLA, em contextos pluriétnicos, a identidade étnica surgiria como a expressão, no nível ideológico, do pertencimento a um grupo étnico específico (1988, p.25) dentro de determinado espaço comum. E, na vivência e expressão desse processo identitário, a identidade étnica desempe-

nharia o papel de uma bússola, posicionando seus membros em mapas cognitivos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988). Ela seria, em síntese e por excelência, uma identidade contrastiva e dinâmica, fruto de arenas interétnicas conflitantes (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p.5). Neste sentido, ser italiano no Brasil é distinguir-se, no corpo da sociedade nacional, dos demais brasileiros. A identidade de italiano estaria, desta forma, sendo construída, contrastivamente, em oposição à de brasileiro genérico.

Os descendentes de italianos entrevistados manipulam, sem constrangimentos, as identidades de brasileiro e de italiano. Dizer-se italiano ou brasileiro é algo circunstancial, dependendo de qual ótica se enfoca, se a cidadania territorial ou a questão do **sangue**, denominado de essencialmente italiano. A categoria sangue ocupa um lugar especial no universo dos entrevistados, todos brasileiros de nascimento e italianos de “coração e sangue”. Ou seja, o sangue é classificado como fonte de sentimento e pertencimento. Esta ascendência marcada pela consanguinidade desempenha um papel fundamental para todos os entrevistados, para quem definir-se como italiano é saber-se portador de determinados valores que estariam enraizados em suas personalidades e “sangue”, como o apego ao trabalho, à família e à religião. Estes valores são considerados como elos demarcadores da italianidade no seio da sociedade brasileira. Ser italiano não é somente autodenominar-se portador de valores culturais, mas também de uma certa “carga genética”, que, segundo os informantes, torna-los-ia herdeiros de determinados valores. Esta mescla de cultura e natureza é um aspecto dos mais relevantes que temos observado no trabalho de campo.

Observa-se, deste modo, que características culturais são concebidas como natas, adquiridas por nascimento e

não através da convivência social. A constituição do ser italiano, nesta perspectiva de “sangue”, seria uma característica determinada a priori. Contudo, ao analisarmos as entrevistas, um dos elementos mais marcantes, é justamente a multivocalidade do conceito de italianidade. Nesta construção do ser italiano, muitos reconhecem que a italianidade é, em verdade, uma ítalo-brasilianidade, ou seja, uma construção derivada dos confrontos entre a sociedade nacional/local e os grupos de italianos colonizadores e não algo definido a priori ou advindo puramente por natureza.

Para os descendentes de italianos, a capacidade de trabalho, em especial, torna-los-ia particularmente distintos dos demais brasileiros. A identidade de italiano estaria substancialmente assegurada neste elemento diferenciador, pois o trabalho como compreendido pelos entrevistados, é o trabalho pesado, sacrificado e extenuante. Os brasileiros são considerados, na maior parte das vezes, como menos empreendedores e apegados ao trabalho. Dizer-se descendente de italianos é orgulhar-se de ter sangue investidor nas veias, de saber-se elo de conquistas, sofrimentos e vitórias:

Bom, o italiano se distingue também pela dedicação, pela coragem ao trabalho, quando se impõe a fazer um trabalho, ele procura fazê-lo bem feito, terminá-lo bem e que seja uma coisa que sirva ao seu objetivo e dure bastante. Isso é uma característica que sempre senti na minha família, nos meus vizinhos, nos meus parentes. Fazer um trabalho, fazê-lo bem feito, terminá-lo bem, para que sirva bastante tempo a sua finalidade (C.Z, 63anos)

A família, outro dos elementos constituintes da italianidade, foi narrada como sendo o núcleo centralizador e mantenedor da italianidade. Ela seria, em síntese, acima de uma instituição, um valor:

...o principal da cultura que eles tinham era a responsabilidade da família, acima de tudo, eles tinham um amor à família muito grande, uma dedicação muito grande à família, assim, fora de tudo, fora de todos os limites... (J, 61 anos).

A fé, igualmente, foi narrada pelos informantes como um aspecto vital do ser italiano. Isto porque, no contexto da colonização, teria sido ela a manter acesa a perspectiva de dias melhores, para além das adversidades cotidianas, da pobreza encontrada na terra colonizada e do abandono por parte do governo brasileiro. Consideramos a fé, mais do que a religiosidade em si, o sentimento alimentador e sustentador desta investida colonizadora e seus resultados. De acordo com informante:

...A responsabilidade, chamavam atenção permanentemente e uma religião, uma religiosidade muito grande a ponto de eu ter um irmão que é jesuíta, o mais velho é jesuíta, e um irmão marista... Isso foi a grande força religiosa da família e do trabalho... (J, 61 anos)

Além do trabalho, da fé e da família, outro elemento diferenciador, segundo os informantes, é a gastronomia. O espaço familiar mais prestigiado é a cozinha, é nela que a vida familiar e so-

cial se desenvolve. Para estes imigrantes, apreciar a culinária italiana e seus pratos tradicionais é um ato de valorização da tradição que se mantém nos temperos, na preparação das massas, na polenta, etc:

...Então, eu acho que isso aí tudo dá, dá uma força pra gente cultivar essa cultura porque se baseia no trabalho, se baseia na alegria, se baseia até na própria alimentação, a gente come bem, bebe vinho... (JVM, 62 anos)

Os elementos acima narrados pelos informantes, dentre outros, seriam aqueles que definiram a especificidade

As matas fechadas, os nativos, tudo era motivo para que o imigrante se sentisse um civilizador e, ao mesmo tempo, um abandonado.

do italiano. Esta italianidade, vivenciada e mantida através dos relatos dos antepassados, é um aspecto

crucial para os entrevistados. Alguns, apesar de não serem ativistas da revivificação da etnicidade, compreendem a importância daqueles que têm trabalhado pela valorização cultural das tradições trazidas pelos imigrantes italianos.

As narrativas da imigração

A memória destes descendentes foi construída através das narrativas da imigração como uma conquista heróica e, ao mesmo tempo, um lamento. Nestas narrativas, a natureza era vista como empecilho a ser vencido. As matas fechadas, os nativos, tudo era motivo para que o imigrante se sentisse um civilizador e, ao mesmo tempo, um abandonado. As dificuldades encontradas em terras brasileiras fez com que, para sobreviverem, estes imigrantes estabelecessem vínculos identitários genéricos, como o de italiano, ao invés de vênets, lombardos, tirolezes ou sicilianos. Na Itália, recém

unificada, as identidades eram construídas por regiões, sendo que, conforme as origens, estes imigrantes chegavam a nem se compreender linguisticamente. Contudo, através da colonização, muitos destes italianos foram agrupados conjuntamente, o que fez com que, para sobreviverem, necessitassem criar vínculos de coesão em meio a um ambiente hostil, como era o cenário brasileiro de então. Foi-se, deste modo, construindo a identidade de italiano e, aos poucos, manipulando-se a de brasileiro. Estes elementos definidores do ser italiano foram incorporados na tradição destes imigrantes, o que não quer dizer que na Itália houvesse literalmente uma vivência similar destes valores. Foram, isto sim, recriados a partir do contexto da imigração e estabelecidos como delimitadores de grupamentos e de identificação.

Durante muito tempo, os descendentes destes imigrantes envergonhavam-se de seu sotaque carregado, de suas posturas rudes e, na maior parte, campesinas, o que configurava a categoria de “colono”. Contudo, nas duas últimas décadas, houve um movimento em prol da valorização da cultura italiana e da herança cultural e política trazida pelos imigrantes, o que fez com alguns destes descendentes se organizassem a fim de manter vivas determinadas características, hábitos e costumes tidos como italianos. De acordo com entrevistado,

O que me recordo, do tempo do meu avô, é que o pessoal que ficou no interior eram colonos, sem, com pouca instrução, inclusive, pessoas humildes, que tinham assim, até vergonha de falarem do seu modo revezado e estavam perdendo a sua origem no falar, no seu dialeto. Eu, como descendente de friolano, inclusive raras vezes, ouvi o pessoal falar o furlã... O que se

notava é que os colonos, quando vinham à cidade, pessoas humildes, com dificuldades, e isto fazia com que os filhos desses colonos procuravam vir para a cidade...Isto aí me marcou, e porque sempre que a gente ia para fora, a gente ouvia aquelas pessoas, principalmente os mais idosos, sempre se lamentando, contando as dificuldades e sempre tentando enviar os seus filhos para a cidade (TJA, 53_anos).

A memória, socialmente construída, é, de acordo com BOSI, igualmente, uma relíquia individual, pois “é o indivíduo que recorda”¹. Estes descendentes, desta forma, compartilham de narrativas comuns que são individualmente reinterpretadas, o que faz com que, para cada um deles, os relatos dos antepassados sejam uma experiência com sentido e sentimento por eles também vivenciada, mesmo que enquanto memória. A forma lamentada com que as narrativas eram efetuadas de geração em geração também fortalecia um certo sentimento de unidade e pertencimento que havia permitido, às famílias, especialmente, superar as dificuldades. A família teria se tornado, desta forma, uma instituição agregadora fundamental.

O Movimento de revivificação

O movimento que teve por objetivo revitalizar a italianidade começou, de forma embrionária, após o Centenário da Imigração Italiana, em 1975. Inicialmente, havia a Sociedade de Cultura Ítalo-Brasileira Dante Alighieri, fundada em 25 de julho de 1985 e que tinha por objetivo manter vivos determinados aspectos

culturais italianos, em especial cantos e danças folclóricas trazidos pelos imigrantes. Contudo, devido à necessidade de uma maior organização e de discussões mais abrangentes e políticas, surge a Associação Italiana de Santa Maria - a AISM, em 1992. Esta associação teve como origem a Sociedade Dante Alighieri e surgiu a partir dos trabalhos de uma Comissão de Estudos designada em novembro de 1991 para elaborar os estatutos de uma possível associação italiana². Além desta, foi criada, em 1994, a Agência Consular que tem por objetivo servir como uma representante do Consulado Italiano em Santa Maria e região, efetuando atividades facilitadoras quanto aos trâmites de requerimento de cidadania italiana e outras atividades. Atualmente há, entre estas duas organizações, uma disputa por poder e legitimidade que se expressa na organização e condução de eventos³.

Estas entidades têm, sob aspectos diversos, e apesar das divergências políticas e administrativas, trabalhado para que as tradições italianas não se percam e para que haja uma valorização local destas. Pode-se dizer que o grande elemento fortalecedor de cisões seria justamente uma busca de legitimidade para se saber qual delas, verdadeiramente, estaria mais apta a representar a autêntica italianidade. Esta cisão, contudo, não é percebida pelos associados de um modo geral e como algo particularmente importante. Ela está, sim, vinculada a determinados personagens que teriam trabalhado em prol da construção de uma organização étnica e que, em determinado momento, desentenderam-se. Além disso, há a questão do prestígio e status sociais atribuídos aos dirigentes destas or-

Estas entidades têm, sob aspectos diversos, e apesar das divergências políticas e administrativas, trabalhado para que as tradições italianas não se percam e para que haja uma valorização local destas.

¹ Segundo BOSI: “ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode refer objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (1994, p.411).

² O histórico deste nascimento e organização ainda está sendo pesquisado, os dados até agora obtidos não nos permitem fazer uma análise imparcial desta entidade e desse processo.

³ As narrativas acerca deste processo divisivo ainda estão sendo elucidas.

ganizações e que findam, segundo um dos informantes, gerando “invejas” e, ainda, de acordo com este, “os italianos seriam muito invejosos”. Outro possível elemento divisor seria a possibilidade de intercâmbios e vínculos que se estabeleceriam com a Itália através destas entidades.

Através destas entidades, os descendentes, em geral, e apesar das divergências, que muitas vezes passam despercebidas, sentem-se parte de uma comunidade imaginada (cfe. ANDERSON, 1983) que está assentada sob o vínculo do sangue e da cultura italiana. São organizados eventos, muitos dos quais gastronômicos, a fim de manter vivos determinados hábitos, valores e tradições que delimitam as regras deste pertencimento. Este grupo, que compartilha memórias e sentimentos comuns é, deste modo, mantido pela constante revivificação de uma origem e ascendência comuns.

Há, igualmente, um sentimento de orgulho étnico que alimentaria estas investidas revivificadoras, como se observa no seguinte depoimento:

O italiano, por exemplo, o italiano é a coisa mais fabulosa que o Rio Grande teve, o Rio Grande, eu digo o Brasil e, principalmente, o Rio Grande, foi a imigração italiana porque ela dominou. O italiano, ele começa humilde, ele não se importa, ele pega qualquer trabalho, ele quer fazer. Ele, a primeira coisa que tem em mente é ajudar sua família. Ele quer primeiro que a sua família não passe fome e que tenha, pelo menos, as suas necessidades básicas. Então, ele luta para isto. E os imigrantes italianos aqui no Rio Grande eles vieram quase todos como agricultores, então eles fincaram na terra e começaram

a trabalhar, ganharam seus lotes e eles tiveram uma grande, um começo extraordinário, aqui no Rio Grande do Sul. Principalmente, porque aqui eles não tinham patrões e eles diziam “cada um é seu patrão de si próprio”, porque eles ganhavam o seu lote de terra, produziam, plantavam e sustentavam a família, quer dizer, ele era patrão e empregado ao mesmo tempo. Era dele, ele queria com aquele pedaço de terra era sustentar a sua família e colonizar e avançar e assim que ele foi nos primeiros, digamos, quinze ou vinte anos os italianos foram uma atividades essencialmente agrícola... Olha, Santa Maria, por exemplo, Santa Maria tem de trinta e trinta e cinco por cento dos santamarienses, da população do município tem sinais de sangue italiano, e o poderio econômico aqui praticamente, onde é que está? Praticamente é descendente de italiano. Inclusive, eles também tem uma ambição, eles não são, digamos... é uma ambição no bom sentido, eles querem progredir. Então aí nos vemos que eles tem essa herança, essa herança que veio de séculos.” (I, 81 anos).

Os cursos de língua italiana

Um dos meios mais divulgados de manutenção e também de promoção da italianidade são os cursos de língua italiana oferecidos pela ACIRS (Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul). Pode-se dizer que, no bojo desta revivificação identitária, a língua italiana exerce um pa-

del catalisador muito forte. Embora muitos dos descendentes falem dialetos, é através do domínio da língua oficial italiana que este vínculo parece ser mais forte. Há uma procura muito grande por estes cursos que, a cada semestre, recebem um número significativo de alunos, em quase sua totalidade de descendentes de imigrantes italianos e seus familiares. Segundo dados da Agência Consular, em Santa Maria e região, haveria uma média de 1500 alunos inscritos. Compreendemos ser esta busca pelo domínio da língua oficial, em verdade, uma busca de fortalecimento de um vínculo político e sentimental, através do qual estes imigrantes se submetem ao mesmo processo que seus antepassados se submeteram na Itália quando da unificação ocorrida no século passado, tendo de dominar, além de suas línguas dialetais/locais, a língua nacional/oficial.

O curso possui a duração de seis semestres e é ministrado através de um livro-base produzido e utilizado pela Universidade de Perugia, na Itália, onde há um instituto especializado em ministrar a língua italiana para estrangeiros. Por este método, aprende-se, além da gramática, aspectos gerais da cultura italiana, suas regiões, atividades econômicas, políticas e sociais. Muitos dos descendentes não reconhecem na Itália apresentada nos livros, a terra de seus antepassados. A Itália conhecida em suas memórias é a Itália do século passado, quase feudal em sua organização social. Contudo, esta distância entre a pátria-mãe imaginada e a pátria-mãe real parece não causar muitos problemas. Isto só reforça o fato de que poucos teriam vontade de ir morar na Itália, a maior parte dos informantes afirma que o Brasil é a sua pátria oficial e na qual querem viver e a Itália é a pátria do coração, do sentimento e do sangue. É, em suma, um vínculo identitário imaginário e alimentado graças à memória de seus antepassados e por eles mantida. A própria requisição de cidadania italiana é, segundo os informantes, mais uma questão facilitadora para viagens e

estudo do que uma vontade de futuramente passarem a viver na Itália.

Para os membros da ACIRS, o aprendizado da língua italiana nesta região é tão fundamental que chegaram a propor a introdução do italiano no currículo fundamental das escolas de primeiro e segundo graus. Isto porque, grande parte dos alunos destas instituições seriam descendentes de italianos e teriam desejo de aprender a língua de seus antepassados.

O resgate da língua italiana é, para os membros responsáveis pelas entidades que a ministram, uma forma de apagar do passado a vergonha que estava associada ao falar italiano. Fato este que foi fortalecido pelo governo de Getúlio Vargas e que fez com que muitas famílias deixassem de falar os dialetos e preferissem deixar seus filhos “abrasileirarem-se”.

A disputa pela legitimidade e autoridade quanto à revivificação da italianidade teve como um dos focos dissipadores, a organização dos cursos de língua italiana. De acordo com um dos informantes, as divergências eram, de certa forma, personalizadas em torno de algumas pessoas chaves que disputavam a organização e condução destes cursos, justamente por reconhecerem a importância política de sua existência.

O resgate da língua italiana é, para os membros responsáveis pelas entidades que a ministram, uma forma de apagar do passado a vergonha que estava associada ao falar italiano.

As Semanas Culturais Italianas

As Semanas Culturais Italianas foram uma iniciativa da Sociedade Cultural Ítalo-Brasileira Dante Alighieri iniciadas em 1991 e que tinham em sua programação atividades, tais como: risotos, cantos e danças, apresentação de documentários, recitais de músicas, pai-

néis, filós, feita de produtos italianos, jogo de mora, quadrilho, tressete, missa em vêneto, e um baile de encerramento. Estas atividades visavam divulgar e manter vivos hábitos e costumes dos italianos imigrantes.

Todo ano, entre finais de maio e início de junho, comemora-se a Semana Italiana de Santa Maria, que já está na sétima investida e sob a responsabilidade da AISM. Durante estas Semanas, tem sido feitos desfiles e carreatas pela cidade, apresentando trajes típicos italianos e cenas do cotidiano dos colonos imigrantes. Compreendemos ser esta investida uma estratégia de sobrevivência cultural e política dos descendentes de italianos que, ao revalorizarem suas tradições, reafirmam sua especificidade e diversidade no bojo da sociedade local/nacional. Esta reafirmação, em determinados casos, está associada a uma idéia de superioridade racial e étnica. Contudo, há, também aqueles que compreendem ser a defesa da italianidade uma luta pela diversidade e igualdade e não uma tentativa de sobrepor-se aos demais cidadãos locais/nacionais.

Observações finais:

A constituição específica da italianidade destes descendentes e a forma como é negociada em situações de contato mostra-nos a riqueza da identidade étnica em contextos regionais/nacionais. A manipulação das identidades de italiano e brasileiros, em suas múltiplas situações, é um dado que ainda está sendo pesquisado. Contudo, a constituição de uma identidade baseada no trabalho, na fé, na família e no sangue foram elementos já detectados pela pesquisa. Compreendemos, entretanto, que a italianidade é uma categoria processual e que está se refazendo constantemente, não sendo uma fonte de atribuição de

características fechadas ou naturais, mas sim, abertas, e que permite a inclusão de valores locais e de elementos de uma identidade regional, como a de gaúcho, por exemplo. No interior deste quadro, há ainda a disputa por poder e legitimidade no interior das entidades que a representam, fato que a complexifica ainda mais.

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. London: Verso, 1983.

BARTH, Frederik. **Los grupos étnicos y sus fronteras**. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

BATALLA, Guillermo B. **Panorama de los Estudios Étnicos en Mexico. Anuário Antropológico 80**. Fortaleza: UFC; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

BORGES PEREIRA, João Baptista. O imigrante italiano no mundo rural paulista. In: DE BONI, Luis (org). **A Presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Movimentos indígenas e Indigenismo no Brasil. In: **América Indígena**. v.XLI, n.3, jul-set, 1981.

_____. O índio na consciência nacional. In: **América Indígena**. México: v.XXVI, n.1, jan, 1966.

_____. **O índio e o mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1972.

_____. **Do Índio ao bugre**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

____. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

PETRONE, Maria Theresa Schorer. O imigrante italiano na fazenda de café, em São Paulo. In: DE BONI, Luis (org). **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre: EST, 1987. p. 102-119.

Endereço da autora

Maria Catarina Chitolina

Rua Liberato Salzano Vieira da Cunha,
204/7

Santa Maria - RS.

Fone: (055)2263006